

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XVIII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1979

FERNANDO CURADO

Engenheiro-Técnico Agrário

EPIGRAFIA DAS BEIRAS

Conimbriga, 18 (1979), 139-148

SUMARIO: O autor publica três inscrições, encontradas, respectivamente, no Baraçal (Sabugal), em Lamas de Moledo (Castro Daire) e Meimoa (Penamacor). As duas primeiras, funerárias, são inéditas e apresentam antropónimos desconhecidos. A terceira é um marco delimitatório já publicado, mas cuja leitura o autor corrige, lendo *vicani Venienses* onde anteriormente se lera *Vivemenses* ou *Vemenses*.

RÉSUMÉ: L'auteur présente trois inscriptions latines du Portugal, trouvées à Baraçal (Sabugal), à Lamas de Moledo (Castro Daire) et Meimoa (Penamacor). Celles de Baraçal et Lamas de Moledo sont des inscriptions funéraires inédites, dont quelques anthroponymes étaient jusqu'à présent inconnus. L'inscription de Meimoa est un cippe de bornage déjà publié, que l'auteur reprend car, à son avis, il faut lire l'ethnonyme comme *vicani Venienses* et non *Vivemenses* ou *Vemenses*.

(Página deixada propositadamente em branco)

EPIGRAFIA DAS BEIRAS

1. *Lápide funerária inédita de Baraçal (Sabugal, Guarda)*

Na aldeia de Baraçal, concelho de Sabugal, na Rua do Forno e inserida na parede da casa de Francisco Janela, existe uma lápide funerária cuja proveniência exacta se desconhece, embora se possa admitir que tivesse sido recolhida no sítio dos «Vilares», a nascente da aldeia, onde, à superfície, se encontram bastantes fragmentos cerâmicos de época romana.

É uma placa granítica, de grão fino, com 112,5 X 40 X 38 cm.

Tem moldura simples, de 4,5 cm de largura, distanciada 3 cm dos bordos superior e inferior, 15 cm do bordo esquerdo e 12,5 do bordo direito. Está bastante danificada, principalmente no quarto superior esquerdo, com a inscrição pouco legível.

Campo epigráfico: 76 x 25

CATVRONI VALVTI • F(*ilio*) / ANN(*orum*) LXX (*septua-*
ginta) -'fvREVS / MADV[R ?]EI • F(*ilius*) • EX TESTAM /
ENTO EIVS • F(*aciendum*) C(*uravit*) •

A Caturão, filho de Valuto (ou Valúcio?), de 70 anos, por sua disposição testamentária, Tureu, filho de Madureu (?), tratou de mandar fazer-lhe (este monumento).

Altura das letras: 1. 1 a 3: 5; 1. 4: 4/5 (aumentando da esquerda para a direita).

Espaços interlineares: 1: 2/1,5; 2: 1,5/1; 3: 1,5/1; 4: 1; 5: 0.

Inédita.

Conimbriga, 18 (1979), 139-148

A deficiente marcação das linhas auxiliares para a *ordinatio* das letras, com espaços interlineares mais largos à esquerda da epígrafe, terá dado origem à diminuição destas no início da l. 4, sobrepondo-se esta à moldura. Se assim não fosse e admitindo a existência de *punctus distinguens* na l. 1, a seguir ao F, a paginação seria quase perfeita.

Se alguns antropónimos são conhecidos, como *Caturo* — cujo radical ‘Catu.’ tem o significado de «combate, luta» (*) — e *Tureus* (2), o mesmo já não se poderá dizer de *Volutus* e *Madureus*. Quanto à leitura deste último, pensamos que a letra em dúvida deverá ser um R, uma vez que se consegue ver que, à esquerda, teve uma haste vertical. Quanto a *Valutus*, é possível ver a sua origem no gentílico *Valut(am)*, assinalado num *terminus augustalis* da região de Ciudad Rodrigo (3), ou então a leitura correcta deverá ser *Valuti(i)*, para a qual poderá haver já termo de comparação (4). *Madureus* é identificado também pela primeira vez(5).

Pelo tipo de letra, com hastes transversais reduzidas e pelo facto de não apresentar a dedicatória inicial aos deuses Manes, pensamos que poderá datar-se dos fins do séc. i ou princípios do séc. ii d.C.

1) Sobre o significado do radical, ver Maria de Lourdes ALBERTOS FIRMAT, *La Onomástica Personal Primitiva de Hispania, Tarraconense y Bética*, Salamanca, 1966, (=0. *Hisp.*), p. 81. Ver Jürgen UNTERMANN, *Elementos de un Atlas Antroponímico de la Hispania Antigua*, Madrid, 1965, (= EAAHA), mapa 33. Ver também *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II (= GIL), n.º 639 e José VIVES, *Inscripciones Latinas de la España Romana* Barcelona, 1971, (= ILER), n.º 543 (= CIL 6338 f), 769 (= CIL 2403), 2543 (= CIL 2430), 4133 (= CIL 5297), 3715 a, 3741, 5259, 5956, 6091.

(2) Identificado em Idanha, Coria e Cáceres. Ver EAAHA, mapa 78 e ILER n.º 109 (= CIL 744), 114 (= CIL 745), 672. Em Fail, Viseu, variante *Tureius*: ver José COELHO, *Memorias de Viseu (Arredores)*, Viseu, 1941, p. 399-400 e José d'ENCARNAÇÃO, *Divindades Indígenas sob o Dominio Romano em Portugal*, Lisboa, 1975, p. 257-258.

(3) ILER 1783 (= CIL 858).

(4) Ver O. *Hisp.j* p. 242 — *Valutio*.

(5) Ver formas semelhantes em EAAHA, mapa 51. Em Coria, *Madui* (gen.), ILER n.º 2501. Ver também *Maturus*: CIL 904 e ILER 5918, 5919.

2. *Uma nova estela de Lamas de Moledo (Castro Daire, Viseu)*

No patim das escadas que, de um pátio interior, dão acesso à casa de Maria Rosa dos Santos, em Lamas de Moledo, existe uma estela encontrada junto à povoação, num terreno então surribado para plantação de vinha.

Trata-se de uma estela granítica, de grão médio, com, actualmente, 100 X 32,5 X 15, cuja cabeceira tem um contorno semi-circular, evidenciado por pequenos ressaltos laterais de 1,5 cm.

Na cabeceira apresenta um crescente, vazado, com 23 cm de abertura entre as pontas, de 3 cm de espessura máxima e com a concavidade virada para baixo, ficando cerca de 2 cm afastado do bordo semicircular. Logo por baixo, já fora da cabeceira e em posição oposta, tem outro crescente apenas de contornos gravados, de 5,5 cm de espessura máxima e com 22 cm de abertura entre as pontas. A distância entre as concavidades dos dois crescentes é de 23 cm. Lateralmente, desde as pontas do crescente inferior até à base, delimitando o campo epigráfico, apresenta um filete, de traço igual ao das letras, que dá origem a um talão de 2,5 cm de largura. A estela está incompleta, faltando-lhe a parte inferior.

Campo epigráfico: 27 X 63 (?)

CABV / RFINA / E • CELI(*i*) [*filia*] / AN (*norum*) IIX (*octo*) • /
LONG / ÊTA • PE / TOBI • / [...]

A Caburfina, filha de Célio, de 8 anos, Longeta, (filha de) Petóbio...

Altura das letras: 1. 1: 7; 1. 2: 6,5/7,5 (no nexos); 1. 3: 6,5/7; 1. 4: 6; 1. 5: 7/7,5; 1. 6: 6,5/7; 1. 7: 7/7,5.

Espaços interlineares: 1: 1,5 (no centro e até ao crescente); 2: 1,5/1 (no nexos); 3: 1,5; 4: 1; 5: 2; 6: 2; 7: 2; 8: ?.

Inédita.

Há a assinalar os nexos IN na 1. 2 e ET na 1. 6. *Puncti distinguentes* nas linhas 3, 4, 6 e 7. As letras C das linhas 1 e 2, tal como o G da 1. 5, são bastante abertos. Os BB, mais largos na

metade inferior. As hastes transversais das letras E, F, L e T são reduzidas. Os 00, largos e nitidamente redondos. O numeral aparece numa fórmula subtractiva, ao contrário da fórmula aditiva mais usual.

Não nos parece que tenha havido qualquer erro na gravação da linha 2, trocando um E por F, em virtude do nexa IN que é notório. Assim sendo, pensamos ser a primeira vez que se identifica o antropónimo *Caburfina*⁽⁶⁾. *Celius* já é conhecido e, se admitirmos a queda do A no ditongo AE⁽⁷⁾, estamos em presença de uma variante de *Caelius*, mais vulgar⁽⁸⁾. *Longeta* é identificado pela primeira vez, pois não nos parece que possa admitir-se o nexa EL, que, a sê-lo, deveria estar gravado de forma semelhante, ao da l. 2. Se assim fosse, estaríamos em presença do antropónimo *Longeia*, já identificado nesta mesma povoação, segundo a leitura de uma epígrafe que se perdeu⁽⁹⁾. Sobre *Petobi(us)* e com esta grafia, não encontramos qualquer referência. Seguindo o mesmo raciocínio que se utilizou para *Celi(us)-Caelius*, poderíamos estar em presença de *P(a)etobi(us)*, igualmente desconhecido⁽¹⁰⁾. O mais natural será tratar-se de uma variante de *Pentovius*⁽¹¹⁾.

Quanto à simbologia astral, mais vulgar nesta região interior do país, (Idanha, Lamego e Bragança), apenas tem, como fora do comum, o facto de apresentar dois crescentes opostos, em lugar de um só com outros elementos. Estará certamente ligada ao culto lunar⁽¹²⁾.

⁽⁶⁾ *Caburene* (em Bragança): ILER 5057. *Cabura*: ILER 5283 (Cáceres) e 369 (Idanha).

⁽⁷⁾ Maria de Lourdes ALBERTOS FIRMAT, *Nuevos Antropónimos Hispánicos*, «Emerita», XXXII, 2, 1964, p. 238 e *O. Hisp.*, p. 68 e 84.

⁽⁸⁾ *Celius* (Badajoz), CIL 5356; *Celea*, (Ronfe, Guimarães), CIL 5563 e (Cárquere, Resende), *O. Hisp.* p. 84. Ver também EAAHA, mapa 21.

⁽⁹⁾ CIL 417; ILER 2203 (= CIL 631).

⁽¹⁰⁾ Sobre *Paeto*, ver ILER 3841, 3510 (= CIL 3004 e 5835).

⁽¹¹⁾ *Pentovi* — ILER 3505 e 5464 (= CIL 6338 k); ver também EAAHA, mapa 61.

⁽¹²⁾ LEITE DE VASCONCELOS, *Religiões da Lusitânia*, vol. III, p. 406 e s. e Aurélio Ricardo BELO, *Simbolos Astrais das Lápides Luso-Romanas*, Lisboa, 1959, Separata do Boletim «Estremadura» da Junta de Província, Série II, n.ºs XLIV a XLIX.

Além do tipo de letra, por não apresentar a fórmula dedicatoria inicial e pela forma do numeral que poderá ser tardia, pensamos que este monumento se poderá datar do início do séc. ii d.C.

3. *Proposta de nova leitura à ara da Meimoa (Beira Baixa)*

Foi recolhida na Meimoa (Penamacor, Castelo Branco), pelo Doutor Mário Pires Bento, uma ara dedicada a Trajano, para a qual queremos propor uma nova leitura. Esta epígrafe, já noticiada por diversas vezes ⁽¹³⁾, parece-nos ser de muito interesse, pelo facto de nos dar a conhecer mais um *vicus* em território português.

Apesar de não se tratar de um monumento inédito, faremos a sua descrição, ainda que resumida. Trata-se de uma ara granítica, de grão médio, com, actualmente, 102 cm de altura, 39 cm de largura e cerca de 20 cm de espessura. De facto, inicialmente as suas dimensões seriam um pouco maiores, uma vez que, provavelmente aquando do seu reaproveitamento na construção da casa de onde se retirou, foi afeiçoada ficando diminuída tanto na largura, como, principalmente, na espessura.

É um monumento bastante tosco, contrastando com outros encontrados na mesma região, pois não tem qualquer tipo de ornamento que lhe dê um aspecto agradável: não tem capitel e, provavelmente, não teria base trabalhada, assim como não tem qualquer moldura que lhe delimite o campo epigráfico. Apenas foram modelados dois toros, um da cada lado do fôculo. Este, rectangular, com cerca de 14 x 18 cm, foi sem dúvida mais comprido, pois está incompleto na parte posterior, em virtude do afeiçoamento já referido.

⁽¹³⁾ Mário Pires BENTO, *Inscrições Romanas de Meimoa*, Separata de «Actas del XIII Congresso Nacional de Arqueologia de Huelva», 1973; Maria de Lourdes ALBERTOS e Mário Pires BENTO, *Testemunhos da Ocupação Romana na Região de Meimoa*, Separata de «Actas del XIV Congresso Nacional de Arqueologia», Vitória, 1975; Mário Pires BENTO, «Estudos de Castelo Branco», (Nova Série), n.º 3, 1978, p. 80-88.

PRO SALVTE / IMP(eratoris) • NERVAE / [TJRAIANI •
 CAES (aris) / [A]VG(iwri) GERM(ama) • VIC / [A]NI
 VENIENSES / CAMPVM CONSACRAVE / RVNT

Pela saúde do Imperador Nerva Trajano César Germânico, os habitantes de Venia consagraram este território.

Altura das letras: 1. 1: 4,5/6 (no nexos); 1. 2 a 1. 4: 4/4,5;
 1. 5 a 1. 7: 4,5/5; 1. 8: 5.

Espaços interlineares: 1: 25; 2 a 8: 2; 9: 23,5.

É um trabalho pouco hábil, com uma paginação deficiente e com a epígrafe deslocada para a direita, o que deu origem ao nexos da 1. 1 e, na 1. 4, à gravação de um C bastante reduzido. Como há uma fractura no início da 1. 5 e todo o lado esquerdo do monumento foi desbastado, não se consegue ler a letra A, ou saber se, porventura, existiu o nexos AN. A gravação é bastante superficial. Como se trata de uma dedicatória a Trajano, é, logicamente, datada de 98 a 117 d.C.

A nova leitura que propomos limita-se à 1. 5 e, nesta, à letra tida por M, que pensamos ser NI. Ao contrário de VIVEMENSES ou VEMENSES, pensamos que deve ler-se VENIENSES, pelas seguintes razões:

- a — todos os MM do texto são de hastes oblíquas, ao contrário dos NN que são de hastes verticais;
- b — a haste oblíqua direita desta letra, anteriormente lida como M, é uma fractura, bastante mais profunda que a gravação do texto; a haste oblíqua esquerda foi feita intencionalmente, mas em época posterior; tanto uma como outra são curvas e não rectas, ao contrário das restantes letras de traçado semelhante;
- c — existem resquícios da gravação do N;
- d — a distância entre as duas hastes verticais, 4,6 cm, é sensivelmente igual à que se encontra na 1. 2 em NE e na 1. 3 em NI, entre a primeira haste vertical do N e a haste vertical da letra seguinte.

É interessante referir, sem que daí se pretenda tirar qualquer conclusão, que Plínio (N. H., III, 26), é o único autor que refere os *Venenses*, que seriam os da Vénia ⁽¹⁴⁾ e que, juntamente com os *Cañetes*, pertenciam ao convento Cluniense. Os *Cañetes* são geralmente identificados com os *Carístios* de Ptolomeu, povo do nordeste peninsular.

O Itinerário de Antonino refere uma cidade *Veniatia*, ainda não identificada, mas que fazia parte de urna das vias de Bracara a Asturica.

Antropónimos com o radical *Ven.* são conhecidos em diversas regiões da Península, mas com especial destaque para a provincia de Cáceres, confinante com a região da Meimoa ⁽¹⁵⁾. Na provincia de Leão, um pouco mais a norte, foi identificado o antropónimo *Venini* (gen.) com a particularidade de se tratar de um Lan-ciense ⁽¹⁶⁾, portanto, também desta região.

Não deixa também de ser interessante referir que na região estremenha incluída nos conventos Scalabitano e Emeritense, se tenha, até este momento, identificado o maior número de Clunienses, fora dos limites do seu distrito de origem ⁽¹⁷⁾.

A estar certa a correcção que propomos à leitura da epígrafe desta ara, pensamos ser provável a situação de *Venia* na actual aldeia de Meimão, poucos quilómetros a nordeste da Meimoa, num recôndito vale cuja principal saída foi precisamente pela Meimoa, onde passava uma via romana que, de Penamacor (?), pelo Salgueiro se dirigia a Caria e a Belmonte. Na aldeia do Meimão têm sido

⁽¹⁴⁾ Maria de Lourdes ALBERTOS, *Alava Preromana y Romana, Estudio Lingüístico*, «Estudios de Arqueologia Alavesa», n.º 4, Vitoria, 1970, p. 107 e s.

⁽¹⁵⁾ EAAHA, mapa 83. Manuel PALOMAR LAPESA, *La Onomástica Personal Prelatina de la Antigua Lusitania*, Salamanca, 1957; Ricardo HURTADO DE SAN ANTONIO, *Corpus Provincial de Inscripciones Latinas*, Cáceres, 1978, n.ºs 30, 222 e 395.

⁽¹⁶⁾ EAAHA, p. 188 e María de Lourdes ALBERTOS, *Alava Preromana...*, p. 174.

⁽¹⁷⁾ Carmen GARCÍA MERINO, *Población y Poblamiento en Hispania Romana. El Conventus Cluniensis*, 1975 ; (ver recensão de José d'Encarnação, in «Conimbr.g», XVI, 1977, p. 171-174) ; G. FABRE, *Le Tissu Urbain dans le Nord-ouest de la Péninsule Ibérique*, «Latomus», XXIX, 1970, p. 314-340.

recuperados diversos testemunhos da ocupação em época romana, sendo já de muito interesse a colecção numimástica do pároco local, Reverendo José Miguel Pereira, o que parece aconselhar a abertura de algumas valas de prospecção junto à povoação, bem como um estudo pormenorizado dos terrenos que, dentro de poucos anos, irão ficar submersos pela albufeira de uma nova barragem.

FERNANDO CURADO

CAIV VI VALVTI · F
ANN LXX · TVREVS
MADV EI · F · EX TESTAM
ENTO EIVS · F · C ·

1

☾
☽
CABV
RFNA
ECELL
ANIIX
LONG
EAPE
TOBI

2

PRO SALVE
IMP · NERVAE
RAIANI · CAES
IVGG · GERMANIC
VIVENTIENSES
CAMPVM
CONSACRAVE
RVNT

3

